



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 11 – Ano VI – 05/2017
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA EXISTENCIALISTA NA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MATRAGA DO CONTO “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”

Wellington Costa de Oliveira

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano – CLARETIANO

Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do

Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1782691040321923>

E-mail: wellington.costa@ufvjm.edu.br

Resumo: O artigo apresenta uma investigação sobre a influência da filosofia existencialista na construção de uma personagem da literatura brasileira. A personagem escolhida é Augusto Matraga do conto “A hora e vez de Augusto Matraga” da obra Sagarana de Guimarães Rosa. Através de uma pesquisa bibliográfica far-se-á a análise dessa influência na construção da personagem. Partindo do pressuposto que ninguém nasce pronto e acabado, e, que assim como o ser humano é um projeto em construção, a personagem Matraga traz em si características que muito a aproxima da filosofia existencialista. Observa-se que Rosa estabelece um diálogo entre a literatura e filosofia. Tal fato vem reforçar a importância do conhecimento filosófico na compreensão da obra literária do autor. Ao mesmo tempo vê-se como pertinente que o professor de filosofia dialogue com os demais professores na tentativa da interdisciplinaridade, o que poderá ser muito produtivo na aquisição do conhecimento.

Palavras-chave: Filosofia. Existencialismo. Ser. Literatura. Identidade.

Introdução

Perceber-se-á, ao longo desse artigo, que, para Rosa, o homem não é um ser acabado, pronto, mas sim um ser que se constrói ao longo da narrativa. Nota-se, em sua escrita, o interesse do autor pelo uso de paradoxos. Eduardo F. Coutinho (1994) demonstra a funcionalidade desse uso: “[...] a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras”. (COUTINHO, 1994, p. 32). Portanto, torna-se um recurso importante para tratar de temas metafísicos presentes na obra de Rosa.

No caso específico do artigo aqui apresentado, a abordagem está centrada no conto “A hora e vez de Augusto Matraga” e na filosofia existencialista aí presente. Assim, o trajeto que se propõe é o de se voltar para a análise da influência da filosofia na obra Sagarana, especificamente, no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, e como esses elementos influenciaram a construção da personagem.

Afinal, tendo estabelecido uma série de ideias e conceitos relacionados a filosofia existencialista, este artigo busca oferecer material para leituras futuras do conto e da obra de Rosa.

A construção do ser da personagem Matraga

O presente conto inicia-se com a proposição: “Matraga não é Matraga, não é nada”. Partindo da filosofia existencialista, observamos que seus pensadores, Heidegger e Sartre, acentuam de modo fundamental, que o homem é um existente. Como postula Sartre isto significa que:

Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada; só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe Deus para concebê-la (SARTRE, 1987, p. 5).

O homem é o que ele vai fazendo de si mesmo, de sua vida. Partindo da premissa de que, de acordo com esse ramo da filosofia, o homem (Ser) não é um sujeito acabado, pronto, e que ele vai se construindo e reconstruindo.

O personagem Matraga do conto também não está pronto, acabado. Podemos afirmar que ele vai se construindo. Mas se construindo em quê? O autor a partir da frase inicial do conto coloca em discussão a questão da identidade aqui pensada de acordo com Hall. Como construir o ser a partir do não-ser? O autor dá existência ao personagem quando cita a sua genealogia “Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira” (ROSA, 2000, p.344). Então pode-se afirmar que o pai dele é. Ele ainda não é. Matraga vai ainda construir sua identidade.

O personagem vivia à sombra do pai “Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai pancrácio” (ROSA, 2000, p.346). Com a morte do pai, Coronel Afonso, Matraga assume a identidade de Coronel. Qual seria a Identidade do Coronel Augusto Esteves? A identidade de Augusto Esteves construída por Rosa no conto está integrada num espaço violento e animalizado, no qual a posse da terra, dos animais, dos empregados, da esposa e da filha se confundem. O poder financeiro, arrogância, violência, são constitutivos da identidade do coronel Augusto Esteves. Observa-se que com a perda do poder financeiro, advindo do mau uso do dinheiro e dos bens herdados, Augusto Esteves perde também a mulher, a filha, os jagunços e a própria identidade. Ele é destituído da identidade de Coronel pelas mãos de outra patente Major Consilva. Após ser vilipendiado por seus algozes, Augusto Esteves ao perder a identidade, recebe uma marca a ferro e fogo. Nesse momento há morte do sujeito e sua redução à animalidade. Marcado como gado, ele é abandonado à própria sorte para morrer. Ao se perder, o personagem se encontra. A perda da identidade de coronel dá espaço para surgir a identidade do santo. A passagem de forma violenta o destitui da identidade anterior, Augusto Esteves, que num primeiro momento dá lugar a Nhô Augusto, que será denominado Augusto Matraga.

O caminho acima percorrido por Augusto Matraga faz parte da construção da sua nova identidade em que cada etapa é importante nessa construção. Por isso, não se excluem mutuamente, mas sim, completam-se dentro do processo. Para Sartre (1987), primeiramente o ser humano existe, encontra-se no mundo, surge, a partir daí é que se definirá, ou seja, construirá a sua essência, que não é dada a priori:

O homem é tão somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo (SARTRE, 1987, p. 6).

Segundo Reale o existencialista entende que o ser humano vai além do “simples momento do processo de uma Razão oníabrangente ou uma dedução do Sistema” (REALE, 1990, p. 594).

A existência é modo de ser finito e é possibilidade, isto é, um poder-ser. A existência, precisamente, não é essência, coisa dada por natureza, realidade predeterminada e não modificável. As coisas e os animais são o que são e permanecem o que são. Mas o homem será o que ele decidiu ser (REALE, 1990, p.594).

Esse poder-ser é questionado pelo personagem quando dialoga com mãe Quitéria sobre sua atual situação como se observa na passagem: “Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênia, será que eu posso mesmo entrar no céu?” (ROSA, 2000, p.361). De acordo com Sartre não temos como alterar o passado, apenas podemos modificar a sua significação:

O passado que sou, tenho-de-sê-lo sem nenhuma possibilidade de não sê-lo. Assumo sua total responsabilidade como se pudesse modificá-lo, e, todavia, não posso ser outra coisa senão ele. Veremos mais tarde que conservamos continuamente a possibilidade de modificar a significação do passado, na medida em que este é um ex-presente que teve um futuro. Mas, do conteúdo do passado enquanto tal, nada posso subtrair, e a ele nada posso adicionar (SARTRE, 1987, p. 168-169).

Diante das adversidades sofridas, Matraga encontra socorro justamente daqueles que não pertenciam a sua classe social, ao seu convívio diário: “o preto que morava na boca do brejo” (ROSA, 2000, p. 352), “chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo” (ROSA, 2000 p. 352). Nota-se que aqueles que o socorrem são identificados pela raça, mas não são nomeados, são os outros. Também estão à margem da sociedade. Pois vivem no meio do mato, na encosta de um barranco, desprovidos dos bens materiais e do convívio urbano. Matraga está órfão e adotado pelo casal de negros. Ele agora tem uma mãe Mãe Quitéria. É

batizado novamente como “Nhô Augusto”. Abandonado pelos seus, ele encontra refúgio em si mesmo e na religião para reconstruir a própria identidade. Matraga ao experienciar a quase morte, rememora a própria vida. Sartre diz que:

a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação. Se temos de morrer, nossa vida carece de sentido, porque seus problemas não recebem qualquer solução e a própria significação dos problemas permanece indeterminada (SARTRE, 1987, p. 661).

Mergulhado nesse universo de sensações, ele faz uma releitura da própria vida. O personagem deseja a presença do Padre para pedir perdão dos pecados e poder morrer em paz. O padre redireciona o pensar de Matraga para uma prática do bem, do perdão, da penitência. Leva-o a entender que a sua história de vida pode seguir outro caminho que irão conduzi-lo a um novo eu. A dinâmica de mudança se dá pelo trabalho e oração:

Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (ROSA, 2000, p.355).

O termo reze e trabalhe, nos remete a conceito basilar dos beneditinos *ora et labora*¹, o par trabalho e oração é fundamental para constituição do ser no mundo.

Nota-se que mesmo antes das adversidades sofridas, a descrição do personagem o desumaniza “bicho grande do mato” (ROSA, 2000, p.368), “cascavel barreada em buraco” (ROSA, 2000, p. 377). É a partir do convívio com o outro, com o diferente, que ele se reconhece humano: “Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, longamente, humanamente, e foi essa a primeira vez”. (ROSA,2000, p.386). Passa-se a ver, conforme a noção de sujeito sociológico proposta por Hall, que o personagem começa a entender, que o sujeito “é formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (HALL, 2006, p.11). A sua

¹ A Regula Benedicti foi composta em 529 para a abadia de Monte Cassino, na Itália, por São Bento de Núrsia (480-543), irmão gêmeo de Santa Escolástica. Ela preceituava a pobreza, a castidade, a obediência, a oração e o trabalho, bem como a obrigação de hospedar peregrinos e viajantes em seus mosteiros, dar assistência aos pobres e promover o ensino. Por este último motivo, ao lado dos seus mosteiros, havia sempre uma escola, razão pela qual ainda, a ordem tornou-se em um dos centros culturais da idade Média, com as suas bibliotecas reunindo o que restara das obras e ensinamentos da Antiguidade

identidade começa a ser construída a partir do convívio com a família de negros e com penitência proposta pelo Padre. Não que tais personagens não existissem anteriormente, mas sim, porque começaram a existir no horizonte de Matraga e tornaram-se importante para ele.

Essa trajetória estabelecida por Rosa, a qual o personagem deve percorrer é existencial. É ela que será fator preponderante para a construção da identidade do personagem. Ao se tomar consciência do mundo, das próprias atitudes, da responsabilidade dos atos tomados, Matraga questiona a própria existência.

A construção da identidade do personagem, como homem religioso, começa com a tomada de consciência da impotência enquanto ser humano diante da morte, diante dos homens e até mesmo diante de si mesmo, busca alento nas palavras do padre que diz: “cada um tem a sua hora e vez: você há de ter a sua” (ROSA, 2000, p. 356). É na religiosidade que busca se realizar e construir-se como sujeito. Sartre diz “o ser é, o nada não é, o nada é posterior ao ser, pois precisa de algo para negá-lo” (SARTRE, 1997, p. 57). Matraga ao tomar consciência do não ser, demonstra que em algum momento ele já teve a consciência da posição ser. No passado Matraga era o Coronel Augusto Esteves, esta passagem do ser para o não ser, exige do personagem que com base no passado busque alternativas que possam reconstruir o self no presente.

Matraga toma consciência de si, da finitude humana e principalmente passa a ver o reflexo de suas ações no mundo. Temos aqui o que Heidegger define com Dasein (O ser-ai). Segundo Heidegger, em *Ser e Tempo* (1989), a pergunta sobre o ser não deve se basear no ser daquele ente que são as coisas, que consiste em simples presença no mundo, mas sim no ser daquele ente que é o homem, o único ente capaz de fazer-se a pergunta sobre o ser. O ser do homem não consiste numa simples presença no mundo, e sim num Ser-aí (*Dasein*):

O ser-aí, o Dasein, imerso em sua existência, é um ser-no-mundo [In-der-Welt-sein], que se encontra sempre situado num contexto de vivência no mundo, e não está simplesmente lançado num espaço apenas delimitado física ou naturalmente. O conceito de ser-no-mundo é uma estrutura ontológica fundamental do ser-aí, que indica a inseparabilidade do homem e do mundo e igualmente do mundo em relação ao homem. Estar em um mundo significa habitar o mundo (Heidegger, 1989, p.54).

Matraga adentra na compreensão do mundo. A tomada de consciência de si conduz Matraga a se reconhecer não somente como homem, mas sobretudo como humano.

Ao final do conto Matraga chega ao arraial do Rala-Coco montado no jumento. A cena faz alusão a Jesus entrando em Jerusalém. Por fatalidade do destino encontra-se novamente com o bando de Joãozinho Bem-Bem. É a partir desse encontro mortal, que a construção identitária de Augusto Matraga chega ao fim. Pois, acontece a remissão dos pecados, o reconhecimento do personagem pelos parentes, e a chegada a sua hora e sua vez. Augusto é identificado como um santo guerreiro pelo povo. Como um enviado divino.

Considerações finais

Refazendo o percurso do personagem: no princípio do conto temos o poderoso Augusto Esteves, com o ser construído na autossuficiência. Acontece a reviravolta em sua vida, perde as propriedades, o dinheiro, o prestígio e a família. Chega ao nada. Recebe um nome dado pelo casal de negros Nhô Augusto. Esse estágio temporário do nada é a passagem para a nova identidade. Passa a existir Augusto Matraga. Essa nova identidade retira sua força na possibilidade da vida eterna. De acordo com a teologia cristã, na vida eterna os sofrimentos que aqui passamos não existirão mais, a dor, a solidão, a tristeza, darão lugar à felicidade plena, neste sentido encontramos no livro do Apocalipse: “Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (BÍBLIA, Apocalipse 21.4).

O presente artigo que teve como objetivo mostrar a trajetória da construção da identidade do personagem Matraga, apresenta também o caminho percorrido para se chegar às conclusões de que a identidade não está pronta, não está dada. Ela é construída constantemente e reconstruída também. Deve-se concordar com Hall quando ele diz:

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo. (HALL, 2006, p.9).

Essa “crise de identidade” foi justamente o que testemunhamos ao decorrer da narrativa. É questionador pensar que não temos uma identidade única, porém temos identidades que são construídas no decorrer da vida. Como responder a questão Quem sou eu? No conto observa-se que Matraga só tem consciência de quem é de fato ao final da vida.

A filosofia existencialista considera o homem como ser finito, “lançado no mundo” e continuamente dilacerado por situações problemáticas ou absurdas. A identidade de acordo com Hall, não é algo pronto, finito, acabado. É um construir-se, um completar-se e até certo ponto como se vê no conto, um reconstruir-se a cada momento e circunstância proposta pela vida. Guimarães Rosa ao iniciar o conto diz: “Matraga não é Matraga, não é nada”, assim como no Grande Sertão: veredas (2006), temos a expressão “Nonada”. Talvez a intenção do autor seja justamente propor a questão que o sujeito não está pronto e acabado. Ele se constrói aos poucos a partir da negação.

Referências

BIBLIA, N.T. Apocalipse. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

COUTINHO, E. F. *Um Alquimista da Palavra*. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 11-24.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1989a

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Paulus, 1990. 3 vol.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *O Existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 191 p. (Coleção Os Pensadores).

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.